

NOTAS SOBRE DIFERENÇAS E DIFERENCIAÇÕES ETNOGRÁFICAS DO MOVIMENTO

ANA CARNEIRO
GRAZIELE DAINESE

RESUMO *A partir dos trabalhos etnográficos apresentados neste volume, problematizamos a ideia de movimento buscando mapear diferentes formas de concebê-lo. Os contrastes e aproximações entre as elaborações nativas sobre o movimento, observadas em contextos variados, permitem-nos não apenas destacar distinções entre experiências etnográficas particulares de mobilidade como também diferenciar possibilidades de abordagem. Dimensões intensivas e extensivas, diversidade de direções, durações, percursos, ritmos, velocidades, práticas, agenciamentos, e relações com desacelerações, pousos e paradas ajudam-nos a apurar, precisar e ressaltar formas específicas com que o movimento surge à análise, sempre como princípio organizador da descrição de dinâmicas sociais. Os trabalhos analisados apontam para possibilidades de classificações e formações coletivas não perceptíveis quando tomamos por estáticas as realidades estudadas.*

PALAVRAS-CHAVE *movimento, duração, diferenciação, formas sociais.*

ABSTRACT *Based on the ethnographic works presented in this issue, we problematize the idea of movement. It intends to map the distinct manners to conceive it. From the contrasts and convergences observed on native formulation of movement, given varied contexts, it is possible to draw not only the distinctions among particular ethnographic experiences of mobility, but also bring different possibilities to approach them. Thus, intensive and extensive dimensions, diversity of directions, durations, paths, rhythms, paces, practices, agencies, and their relationship with deceleration, pauses and resting, help us to enhance and highlight specific forms under which the movement comes to the analysis, arising as an organizing principle of social dynamics. This approach, consisting here by the analysis of those selected papers, points towards possibilities of social classifications and collective units that cannot be apprehend when taking for granted the studied realities as motionless.*

KEYWORDS *movement, duration, differentiation, social forms.*

Ao propor uma etnografia “não tão multilocalizada”, Ghassan Hage (2005, p. 463-475) observa que, em sua pesquisa sobre migração, a ideia inicial era dividir seu tempo de trabalho de campo entre as diferentes localidades escolhidas por ele como representativas dos percursos de seus informantes. A estratégia esbarrou entretanto em uma série de impasses, não apenas de ordem logística, mas sobretudo em relação ao que o autor estabelece como pressuposto da etnografia densa. Esta, segundo ele, é em muitos sentidos menos uma questão de escolha do que de grau de imersão em contextos de relação determinados. O trabalho de campo deve tornar-se cada vez mais “denso e grudento” (*thicker and stickier*) – quanto mais o pesquisador se envolve, mais se sujeita às forças gravitacionais que o empurram rumo a um certo campo de relações, sempre dinamizadas por movimentações particulares (HAGE, 2005, p. 465). Desse modo, a intensificação dos laços pessoais implica certas condições sobre os tempos e formas de permanências, percursos, partidas e chegadas, que passam a se dar não por escolha do pesquisador, mas em função das situações e redes de relações específicas nas quais está imerso.

Se as dimensões de distâncias e velocidades a serem percorridas não podem preceder às relações que as constituem, é curioso que Hage faça uso do termo *migração* para falar de movimentos que, como ele mesmo sugere, não se reduzem ao que uma “teoria da migração” poderia supor, isto é, a coordenadas, escalas e motivações pré-determinadas. O desafio de pensar o movimento de pessoas e coisas por uma chave que não estivesse presa aos pressupostos da noção de migração motivou a organização do Seminário Temático *Socialidades e Movimentos: pessoas, palavras e objetos em circulação*, realizado na 37ª Anpocs, em Águas de Lindóia, em 2013¹. Aqui, buscaremos explorar formas distintas de conceber etnograficamente o movimento baseando-nos nas análises publicadas neste volume, a maioria delas elaborada para o ST (apenas os trabalhos de Guedes e

¹ O ST foi organizado por John Comerford e Wagner Chaves. Nós, autoras deste artigo, fomos as debatedoras dos trabalhos.

Benites não resultaram da exposição na Anpocs. O trabalho de Machado, ao qual fazemos referência, foi apresentado no ST, mas não consta nesta publicação).

A partir dos artigos, mapeamos diferentes formas de conceber o movimento. Contrastes e aproximações entre dados e análises relativos a contextos variados permitem-nos não apenas destacar distinções entre experiências etnográficas particulares de mobilidade como também fazer diferenciações entre possibilidades de abordagem. Dimensões intensivas e extensivas, diversidade de direções, durações, percursos, ritmos, velocidades, práticas, agenciamentos, e relações com desacelerações, pousos e paradas ajudam-nos a apurar, precisar e ressaltar algumas formas específicas com que o movimento surge à análise como princípio organizador de dinâmicas sociais. Os trabalhos analisados apontam para possibilidades de classificações e formações coletivas não perceptíveis quando tomamos por estáticas as realidades estudadas.

A ideia de movimento é apresentada e modulada de acordo com as relações que o condicionam, estabelecidas não apenas entre pessoas como também entre elas, os animais, as coisas e os meios que delimitam ou motivam seus deslocamentos. Se esses deslocamentos não podem ser pensados ou medidos tendo por referência um espaço já dado de antemão, o que surge para análise são circuitos específicos cujos traçados definem não apenas extensões geográficas como também movimentos intensivos. Procurando perceber a densidade do tema, nosso esforço será o de apurar etnograficamente o que as noções nativas de movimento nos trazem para refletir sobre um termo que, por sua amplitude, costuma eclipsar nuances e diferenças importantes.

Como já observaram Moacir Palmeira e Alfredo Wagner (1977), a ideia de migração carrega processos e sentidos que subsidiam os principais termos e expressões acionados para descrevê-la e qualificá-la (migração interna e externa, emigração, imigração, e seu correlato lógico, o êxodo rural). Desses sentidos,

destacam-se a questão dos pontos de partida, chegada e direção e da caracterização de quem migra. Os autores notam uma correlação intrínseca entre essas duas questões para descrever o que é a migração: aquele que migra se define sobretudo por uma experiência de migração, definida *a priori*, a partir do ponto de chegada. Outra deriva analítica, criada a partir da proeminência dessas questões, se destaca nas discussões sobre a integração (aculturação, ressocialização, adaptação, assimilação, ajustamento). Sendo assim, ao priorizar o pressuposto de partida-chegada para qualificar os movimentos, a variação desses deslocamentos tanto nos seus significados quanto nos seus sentidos encontra-se subsumida aos recortes bastante limitados tal como se percebe na genealogia da categoria proposta pelos autores.

As etnografias que compõem este dossiê investem sobre o questionamento dos sentidos, direções e práticas que proliferam quando se atenta para a variedade dos movimentos. Os estudos aqui reunidos falam-nos de territórios, relações e coletivos que se fazem e se desfazem a partir de movimentações, por sua vez particularizadas em circuitos, propriedades e agências diversas. Também chama à atenção a variedade de termos, expressões e contextos acionados pelos autores para descrever um determinado movimento: circulação de animais, mobilidade, migração, febre, mexida, animação, corridos, andanças, circulação de conhecimento, jornada dos terreiros, jornada campo/cidade. A atenção a esse vocabulário possibilita traduzir o movimento não apenas por deslocamentos, fluxos, mobilidades e circulações, mas tendo em vista ritmos, tendências, rumos, velocidades e sequências cujas variações não se reduzem a um único padrão. Tendo essa variação como destaque, a leitura das etnografias permite-nos problematizar a correspondência muitas vezes suposta entre movimentos de ordens e naturezas diversas.

Abordagens como as que analisamos, atentas ao que os nativos têm a dizer sobre seus próprios movimentos, às suas maneiras

variadas de qualificá-los, de vivê-los e produzi-los, não apenas tornam visíveis dimensões importantes da vida social, como nos levam a questionar sobre as formas que ela assume. Veremos que os diferentes circuitos, relações e intensificações traçados na medida em que se transita apontam para possibilidades de classificações e unidades coletivas não perceptíveis quando tomamos por estáticas as realidades estudadas. Se nem sempre o deslocamento implica ruptura entre os que vão e os que ficam, e tampouco corresponde a trajetos determinados por destinos definitivos, abandonando-se os lugares e as relações de origem, é porque, ao contrário, ele engendra novos encontros, muitas vezes redinamizando e reconfigurando antigos laços. Seja definindo formas mais ou menos movimentadas de duração no tempo (Dumans), seja porque a descrição dos deslocamentos no espaço organiza narrativas sobre as unidades familiares (Marques), ou porque o pertencimento a um modo de vida na *roça* envolve uma certa *mexida* (Benites). Dos territórios que se habita quando se conhece e se *mexe* com a circulação de animais (Luzimar Pereira); da criação de vínculos entre os mundos visível e invisível através das jornadas umbandistas (Diogo Goltara); dos deslocamentos das pessoas pelo campo e pela cidade, o que se apresenta são modos de vida baseados em práticas que encontram, em formas diferenciadas de deslocamento, um princípio organizador fundamental. Diante das diferentes análises etnográficas, a única definição genérica possível do movimento consiste em sua necessária relação com as paradas, o que é a rigor um problema puramente conceitual: o movimento só existe em relação ao que está imóvel. Movimento e parada seriam, nesse sentido, “conceitos geminados”. Entretanto, a relação entre ambos é ela mesma infinitamente variável, implicando naturezas diversas de cada um dos termos relacionados, pois se movimento e parada só existem em relação, quando ela se difere também os difere.

EXTENSÃO E INTENSIDADE

Uma primeira grande classificação torna-se possível quando notamos duas qualidades irreduzíveis do movimento. Por um lado, trata-se da qualidade do movimento entendido como deslocamento no espaço, ou seja, a mobilidade em relação a coordenadas espaciais específicas criadas pelo próprio movimento; por outro, o encontramos sem relação com o espaço percorrido, isto é, movimentos intensivos, não-geográficos. Essas duas formas de movimento, entretanto, não estão necessariamente separadas. Como veremos, em geral elas são imbricadas e interdependentes.

Um exemplo em que a intensidade articulada aos deslocamentos físicos aparece com clareza está no trabalho de André Dumans, no qual o termo *febre* é usado por ex-garimpeiros em Minaçu, Goiás, para falar do tempo em que suas vidas eram “animadas”, “movimentadas”, o que indica a mobilidade física em busca do ouro – a *febre do ouro* – ou em viagens junto ao MAB (Movimento de Atingidos por Barragens), mas que fala, sobretudo, a respeito de um certo estado de ânimo marcado por festas, bebidas, mulheres. Contrapondo-se à *febre*, o verbo gelar surge ali como ideia de estagnação não apenas em relação à vida prática (sem trabalhar, sem movimentar a *luta*), mas também em um sentido moral: alguém desmotivado fica *gelado*, “não vai pra frente”, fica desanimado, cansado. O movimento, quando designando *luta*, pode *gelar*, tornando-se estagnado, inócuo, sem força, sem vida. Enfim, mostra o autor, “o movimento também precisa ter movimento”. Curioso como essas formulações nos remetem à lógica físico-química que descreve o calor como aceleração da atividade molecular, enquanto o congelamento é a sua paralisação. Diversamente, a descrição do movimento como qualidade extensiva emerge com muitas nuances na análise de Pereira a partir das práticas classificatórias do povo de Urucuia, ao norte de Minas, que mobilizam um conhecimento apurado sobre as movimentações dos animais. Essa relação diz respeito,

nesse caso, a diferentes delimitações dos espaços traçados pelos diferentes modos e territórios de circulação dos animais. É com o controle sobre o movimento deles, impondo-lhes (ou não) determinadas desacelerações, direções, limites e paradas, que os urucuianos cuidam de sua criação e atentam para os *bichos do mato*, ao mesmo tempo em que, com isso, determinam-se territórios físicos diferenciados em relação à casa, cada um dos quais associado a uma categoria de animal. A referência aos animais assume papel distinto na Minaçu descrita por Dumans, onde uma profusão de imagens, metáforas e expressões ligadas ao gado acrescenta-se a um riquíssimo vocabulário nativo para qualificar diversas maneiras e motivos pelos quais as pessoas se movimentam: *ser tocado como bicho, rodar, correr o trecho, correr o mundo, abrir no mundo, correr atrás, ir pra frente, evoluir, movimentar a cidade*; assim como *andanças, marchas, viagens, movimentos sociais, animação, agitação, febre* e outras possibilidades compõem o vasto repertório das formas e significações possíveis ligadas à noção de movimento, extensivo ou intensivo. Se no primeiro caso o gado e os demais animais de criação são definidos por sua relação com os humanos, no segundo estes últimos o são em referência ao gado. Em ambos os estudos, é a imagem do movimento em certo território físico que dá concretude às definições, mas se em Minaçu há uma delimitação de certo tempo de agitação, em Urucuaia é o cotidiano que aparece significado pela experiência de deslocamento, perspectiva que talvez desmotive o olhar analítico sobre períodos de intensificação.

Nesse sentido, a abordagem de Felipe Benites aproxima-se a de Dumans. Realizado em uma localidade no município de São Romão, à esquerda do médio São Francisco, Minas Gerais, o estudo do primeiro mostra como o termo “roça” constitui uma única categoria capaz de articular diversos sentidos, evocando um território não apenas físico, como no caso de Pereira, mas também existencial. Sob o termo *roça*, desdobram-se ideias

como a de uma localidade para onde se vai ou de onde se sai (a *roça* em oposição à cidade) e como a de um tipo de trabalho caracterizado por certa atividade (denotada pela expressão *mexer com a roça*) e ainda um valor associado a possibilidade e autonomia de mobilidade pessoal (expressido pela noção de liberdade). Este último sentido opõe-se à condição de submissão ao patrão – que lembra “os tempos da escravidão” – característica dos trabalhos na cidade grande ou do emprego temporário nas grandes lavouras, nos quais é necessário submeter-se ao patrão. Em São Romão, a *roça* é um local e uma atividade de trabalho, mas também indica dinâmicas específicas da unidade doméstica e de vizinhança, nas quais se criam e atualizam relações de afeto, de consideração. Como observa o autor, embora fortemente associada ao universo do trabalho, a noção de *roça* empregada por seus interlocutores não se reduz a isso; ela aparece em discursos contrastivos que delimitam tempos e lugares próprios a um modo de vida organizado por diferentes velocidades, trajetos e animações. Há ainda uma divisão interna à categoria *roça*, também demarcada por formas de movimentação relativas a certos períodos temporais. O *tempo das águas* e o *tempo da seca* correspondem não só à diferença das atividades laborais de cada período (diferentes *mexidas*) como também a modificações nas condições de deslocamento, e também à quantidade de visitas, festas e pessoas transitando.

No artigo de Dumans (2014), a ideia de liberdade também aparece como valor importante associado ao tempo de maior movimentação: o termo *cativeiro*, retomado pelo autor através de outras etnografias (LEITE LOPES, 1979; VELHO, 2007; GARCIA JR., 1983), opõe-se à ideia de liberdade de ação (e, portanto de ir e vir) própria ao regime de trabalho do garimpo. A liberdade evocada pelo *tempo da febre* associa-se a *rodar, correr o mundo*, e integra um valor positivo importante para os garimpeiros de Minaçu. Por outro lado é fundamental que eles mantenham como força estabilizadora o elo com a mãe, que permanece

na cidade, na casa, não deixando que o filho fique “jogado no mundo”. Assim, além das diferenciadas qualidades de movimento, devemos notar que há também uma diversidade significativa entre as formas de *parada*. O verbo gelar, utilizado em Minaçu para falar da desaceleração que se opõe ao movimento da *febre*, é um termo pejorativo, mas o sossego e a tranquilidade alcançados na estabilidade do lar materno, por exemplo, permanecem guardados como horizonte desejado pelos peões que escolhem *correr o mundo*. O termo *rodar*, utilizado positivamente em Minaçu, repercute inversamente nos dados colhidos por Marques no Sertão pernambucano, onde os excessos de diversão com álcool levam à temerosa condição de *rodado*, isto é, *sem casa, sem família, sem rumo*. Em suma, note-se que a qualidade e o valor atribuídos às paradas dependem das suas possibilidades virtuais de movimentação. Noutras palavras, um estado mínimo de intensidade.

Os imbricamentos complexos e heterogêneos de formas diferenciadas e correlacionadas de movimentos extensivos e intensivos, com variáveis articulações, dão assim consistência aos universos etnográficos pesquisados, desvelando, em um mesmo contexto etnográfico, diferenças internas dessa grande divisão entre duas formas de qualificar o movimento. Considerando o traçado de certa distância, por exemplo, outro plano de diferenciação do movimento surge à cena ao notarmos que um mesmo percurso pode ser feito por diferentes veículos, motivações, partidas e chegadas, engendrando cada qual um conjunto de relações específicas. Da mesma forma que a variação de percursos pode ser indicadora de classificações de várias ordens, bem como a relação entre ausência e excesso de movimento. Extraído da etnografia de Antonádia Borges (2003) no Recanto das Emas (DF), o trecho reproduzido por Dumans parece eloquente nesse sentido: “rico nasce no plano piloto e só vive na sombra, pobre tem que correr atrás”. Por outro lado, ao descrever uma conversa em Minaçu, o autor nos dá a ver que também são significativas

as diferenças entre os trajetos percorridos e as motivações de tais percursos: “rico viaja muito”, mas é para passear em lugares como o Rio de Janeiro, não é para “correr atrás”.

A pista sobre os modos de classificação social visibilizados através da descrição dos variados movimentos humanos ressurge no artigo de Marques (2014), em que as famílias pesquisadas no Sertão do Pajeú, no Pernambuco e na Paraíba, poderiam ser designadas pelo jargão sociológico como de elite, diz a autora. Mas essa definição, prossegue, não corresponde a um “nível específico sócioeconômico ou cultural, se pudermos considerar o conjunto dos membros das grandes e velhas famílias sertanejas [...]”. É a localidade (e as mobilidades em relação a ela) que se mostra uma importante chave de leitura em sua análise sobre a unidade familiar nos três diferentes contextos com os quais trabalha. Além do Sertão, o artigo de Marques baseia-se em pesquisa realizada no médio norte do estado do Mato Grosso, abarcando neste último caso tanto os *gaúchos* ou *sulistas* que chegaram como proprietários de terra, quanto os *maranhenses* ou *nordestinos* que vieram para contratos temporários de trabalhos braçais. Contrastando os grupos pesquisados, a autora volta-se para a forma assumida pela “família” em cada caso, notando que a distinção quanto a isso nos contextos de pesquisa se faz em correlação aos movimentos de familiares. A mobilidade não é desagregadora, mas ao contrário promove vitalidade, afirma a autora, como atestam as genealogias acionadas nas narrativas de memória de seus interlocutores. Os relatos colhidos por Marques e seus pesquisadores resgatam histórias de mobilidade que se distinguem em cada um dos universos etnográficos, revelando temporalidades e espacialidades diversas. No Mato Grosso, as redes de parentesco e amizade mostraram-se menos densas entre os gaúchos. E se em todos os casos manteve-se uma forte referência à terra de origem, as pessoas pesquisadas no sertão permaneceram ou retornaram, enquanto no Mato Grosso eram forasteiros. As narrativas genealógicas sertanejas são fartas, mas não definem um “pedigree”, pois suas

genealogias variam conforme a rede de relações atuais de quem as narra. Ali, os mapeamentos genealógicos podem ser feitos por diversos caminhos e, portanto são sempre provisórios, indicam estados de relações. Há uma definição retroativa das relações passadas em função das variáveis configurações relacionais do presente, o que envolve uma plasticidade aguçada da unidade familiar, reconfigurada constantemente à medida dos conflitos, avizinhamentos, casamentos e separações do presente. A cada configuração familiar, um certo traçado de relações do passado é feito, e assim os acontecimentos pretéritos servem às localizações atuais. No Mato Grosso, entre as famílias sulistas, os deslocamentos e mudanças de localidades e de domicílios organizam narrativas de histórias de vida com paradas menos numerosas que as dos nordestinos. Tais narrativas não assumem a mesma plasticidade dos relatos sertanejos, constituem antes uma firme trajetória de realização de um projeto, escreve a autora. “Quem anda pra trás é caranguejo”, dizem os sulistas, o que se associa a uma imagem da família mais restringida à unidade domiciliar. Assim, não só os trajetos familiares são diferentes em cada contexto, também o são os traçados genealógicos que a narrativas percorrem. Encontramos uma correspondência entre unidade familiar, forma narrativa e experiência de deslocamento. A intensidade é aqui não referida a um tempo passado, mas identificável a um estado presente no qual, através dos relatos, os deslocamentos passados são mobilizados de modo a reforçar ou promover estados de relações, que ganham assim certa mobilidade das conexões (conflitos, rupturas, novas vizinhas, casamentos e separações).

Sem sair da etnografia de Marques, chegamos a outra diferenciação do movimento, que o relaciona a variações de velocidades, paradas, acelerações e desacelerações: ao atualizar, através das narrativas, trajetórias pessoais e genealógicas ocorridas no passado, a configuração familiar sertaneja é provisoriamente estabilizada, mas é nesse momento mesmo que se abrem as possibilidades de mudança. Como no caso de

um divórcio que, decorrendo na mudança de casa, cria novas aproximações, novos casamentos, etc. O pressuposto de que os sentidos lógicos e sociológicos dos movimentos são diversos, e de que essa diversidade tem implicações sobre a experiência das pessoas, repercute sobre a relação entre mobilidade/imobilidade e sugere outros olhares sobre a questão: a maneira como uma instiga a outra, mobilidade dependendo da imobilidade e vice-versa. Sair, chegar, deslocar-se, circular, morar, permanecer, rodar são ações que orientam as experiências etnográficas e indicam que nas práticas de circulação o binômio partida-chegada é apenas uma das possibilidades dos deslocamentos. Nos encontros que se criam a partir desses trânsitos, a proliferação não é apenas da ordem das direções, mas afeta também vínculos e agências. O movimento, mesmo quando em repouso, propaga conexões, espaços e identidades. No trabalho de Pereira, por exemplo, o habitar dos homens afetado pela relação com a circulação dos bichos cria lugares para homens e animais, mas também a possibilidade desses lugares se misturarem. Nessa convivência, multiplicam-se as relações (de propriedade, de afeto, de mando-servidão, de parceira). Em suma, estabilizar-se, parar em uma casa, produz determinados movimentos da ordem da intensidade.

MOBILIDADE E IMOBILIDADE

Há portanto uma série de atividades que, ao criarem movimento, replicam movimentações nas próprias pessoas, transformando condições e estados de espírito: os rodados, principalmente nos momentos de “febre”, refletem de forma exemplar essas alterações na vida que alteram pessoas. Mas cabe precisar os termos nos quais se pode falar de uma “potência movente” e a quem ou a que podemos atribuir seja a intensificação da potência, seja o controle de uma potencialidade – como veremos no item sobre as agências e agenciamentos que fazem

mover –, e vale destacar ainda os casos em que o esforço é de desaceleração ou imobilidade.

Se as experiências etnográficas reunidas neste conjunto de trabalhos nos remetem a movimentos que não redundam em imobilidade (deslocamentos e circulações não existem apenas para chegar a algum lugar e ali se fixar), tampouco esse fluxo será sempre ininterrupto. Sobre a vida em Urucuia, Pereira afirma que mesmo a mobilidade vivida na natureza não é marcada pela “errância total de movimentos”, posto que o mapeamento da circulação é uma prática que caracteriza tanto a relação do homem com os *bichos de criação* quanto com os *bicho do mato*. Nesse contexto, mapear movimentos é também circunscrevê-los em seus próprios limites, definindo espaços possíveis para a convivência na morada familiar. De um modo geral, a ideia de que tudo se move à medida que pode se estabilizar é replicada nas práticas de circulação vivida em outras situações. A produção dos pontos de pausa que caracterizam as práticas de circulação das jornadas analisadas por Goltara, antes de derivar em fixações permanentes (sejam da ordem dos territórios ou das relações), pressupõe outros movimentos. Na experiência urucuiana, a ideia de que é preciso conhecer certos deslocamentos para que se possa habitar supõe tanto uma gestão da circulação quanto o fato de as práticas de circulação operarem com estabilizações mais ou menos constantes (dos bichos mais e menos referidos à casa, esse espaço que atualiza em toda potência um “território antropocentrado”). Mas se o ato de circular demanda pausas necessárias à produção de um espaço habitável, seu efeito é qualificar seus movimentos. Habitar uma casa, tanto para o “pai de família” quanto para o “bicho de criação”, enseja circuitos e movimentos que embora estejam referidos a um lugar também conduzem a outras maneiras de transitar.

Nos coletivos potencialmente moventes, a exemplo do contexto umbandista descrito por Goltara, a estabilização é uma condição para a própria existência de deslocamentos e circulação,

à medida que são esses pontos de parada que qualificam o fluxo ao lhe dar força e especificidade. Para existirem como *centro* é preciso que as casas de oração se desloquem constantemente (em jornadas) a fim de fazer circular forças e bens. Mas se o movimento é constituinte (posto que o deslocamento ativa a circulação necessária à existência do sagrado), é porque ele pode se articular em determinados pontos. A própria definição de “casa de oração” se baseia na conexão existente entre movimento-estabilização, à medida que tais centros religiosos nos são apresentados como “pontos de articulação” na circulação de forças e entidades que ampliam essa coletividade de modo múltiplo. Diz o autor: “Talvez essa seja a principal motivação das jornadas: expandir o núcleo da crença e da energia que conecta seres divinos e terrenos. Nesses encontros, as conexões produzidas particularizam as forças abstratas que circundam as entidades espirituais.” O que se nota portanto é que a estabilização não necessariamente fixa, assim como não necessariamente desagrega, mas reconfigura a rede estabelecida de relações e, nesse sentido, condiciona e “dá rumo” ao movimento. Em certos casos, tal reconfiguração é o que permitirá a criação de novos movimentos, gerando por sua vez novos modos de relação.

Esse argumento remete-nos a uma observação de Marques sobre a *duração*. Notamos que, se a autora percebe a localidade como chave de entendimento para a análise das mobilidades, é porque o mapeamento feito pelas narrativas do Pajeú tem uma provisoriedade paralela à provisoriedade da configuração relacional presente. Os encadeamentos narrativos do presente são constantemente modulados e realocados de acordo com as transformações das relações atuais. Ao resgatar o passado em função do presente, promove-se, através da fala, uma certa *duração*. Esse termo assume vultuoso rendimento analítico no trabalho de Dumans, que destaca o lugar estável da “mãe” como algo que dura, persiste, evitando que o(s) filho(s) fique(m) “jogado no mundo”. Assim, a Sama, única que permaneceu em

Minaçu passados os ciclos das “febres”, é muitas vezes associada pelos habitantes da cidade à figura da mãe. É curioso perceber que essa espécie de ponto fixo é mais bem traduzível pelo termo *duração*, uma vez que não prescinde de certo movimento, sendo este sempre gerador de outros movimentos, possivelmente desestabilizadores. Isso nos remete ao item anterior, em que chamamos atenção para o movimento intensivo mantido mesmo em períodos ou lugares de desaceleração e parada. Aqui, observação semelhante pode ser feita a respeito do trabalho de Pereira e sua ideia de um movimento “controlado” dos animais de criação em relação à casa, que parece aproximar-se assim da imagem da “mãe” na abordagem de Dumans. Isto é, como força centrípeta que não deixa o sujeito ficar “jogado no mundo”, mas que não prescinde totalmente de certo movimento. Podemos dizer que, nos dois casos, o movimento deve ser em certa medida “controlado”, mas não no sentido exato de uma imposição hierárquica promovendo fixidez, “gelo”, e sim como resultado de uma relação de equilíbrio estável que, entretanto requer um constante trabalho de manutenção, uma “mexida”, para usar o termo identificado por Benites no norte de Minas Gerais, mesma região de Pereira.

AGÊNCIA E AGENCIAMENTO

Da descrição do saber fazer inscrito nas práticas de circulação, notamos diferenças entre experiências que demandam um controle maior ou menor de sua própria potência movente. As contenções mais ou menos necessárias parecem indicar a existência de universos orientados por acelerações distintas ou, ao menos, por momentos nos quais a aceleração ganha mais ou menos ritmo. Os trabalhos nos falam de atividades que permitem estar em movimento e como esses movimentos frequentemente traduzem autonomia e liberdade – humana, no caso de Benites e Dumans, dos *bichos do mato*, no caso de Pereira, e espiritual,

em Goltara. Dentre elas se destacam o garimpo, a roça em sua vivência laboral, mas, sobretudo existencial, e também as jornadas que fazem a roda rodar...

A taxonomia nativa apresentada por Pereira em função das diferentes movimentações dos animais em relação à casa leva o autor a observar, a exemplo de Ingold (2000), que o mundo habitado pelo homem não se limita à agência humana, mas se constitui de um constante processo de criação e dissolução, mobilizado por interações nas quais estão engajados humanos e não humanos. Podemos inferir que a classificação dos animais conforme suas formas e circuitos de movimentação – sendo essa definida (ou não) pela ação humana – escalona graus diversos de alteridade em relação aos humanos. Ou seja, quanto menos controle os humanos têm sobre os animais, mais perto da natureza e longe de casa estes se encontram. Entretanto, nesse “território antropocentrado”, como nomeia o autor, a ação humana nunca é totalmente determinante; é necessário um certo acordo tátil, podemos dizer, entre as agências humana e animal, como atesta o “causo da mula” que, desobediente, parece reafirmar e ressaltar que o controle humano é apenas parcial, conforme descrito pelo autor. Podemos pensar então em um agenciamento de relações nunca totalmente previsível ou controlável pela ação ou escolha humana. Em Marques, similarmente, as mudanças nas configurações familiares se reestabilizam para gerar novos movimentos de aproximação e distanciamento, unindo ou separando, como já visto, de modo que não é possível pensar o movimento como uma escolha individual ou mesmo decisão coletiva. O que se nota aqui são abordagens teóricas que incluem, na análise, a duração no tempo, ao contrário de procurar no universo pesquisado uma imagem instantânea da vida social. O que surge quando incluímos uma certa duração no tempo não é o ato decisivo e arbitrado de iniciar um deslocamento, mas sim um agenciamento de forças moventes de naturezas e direções diversas. No caso de Marques, a coletividade é a “família”, mais

ou menos plástica, com mais ou menos durações. No trabalho de Dumans, o movimento gerado pelos grandes projetos, incluindo os movimentos sociais, é o que “abre” para novas possibilidades, trazendo oportunidades de se *abrir no mundo, ir pra frente* etc.

O que chamamos agenciamento, entretanto, não anula a importância da agência individualizada e deliberada, seja ela exclusivamente humana. O que sugerimos é que, para além dela, há um conjunto intensivo de forças motrizes em direções diversas, capazes de articular-se de modos diferenciados – muitas vezes justamente nos momentos de parada, como vimos – promovendo não só deslocamentos no espaço como mudanças de temporalidades. A agência humana, e possivelmente outras não humanas, participam desse conjunto em relação ao qual pode se ter mais ou menos controle. O fato de que os agenciamentos coletivos envolvem forças heterogêneas, subtrai-lhes em grande medida o atributo da previsibilidade.

Note-se aqui como o movimento das atividades das jornadas descritas por Goltara aproxima-se, sem identificar-se, do que é apontado por Pereira sobre a *mexida de criação* e outras formas de manter determinado modo de relação entre a casa e os animais. Tanto em Pereira como em Goltara, a ação humana movimenta para estabilizar determinada configuração relacional. Nas jornadas umbandistas, as movimentações criam dinâmicas de agregação/desagregação que atualizam vários planos constituintes da rede espírita. É ao circular e fazer com que as coisas circulem (as bandeiras, as palavras, os cantos entoados), que os objetos ganham significação, pois certas potencialidades emergem justamente no trânsito. Por outro lado, bandeiras e palavras em movimento fazem movimentar forças, entidades e potências criando verdadeiros agenciamentos a partir da constância da circulação.

AGREGAÇÃO E A DESAGREGAÇÃO

Chegamos finalmente a um outro aspecto importante desses trabalhos: a agregação e a desagregação. O que Rennó questiona quando descreve a experiência das famílias migrantes pode também ser tomado como ponto de discussão mais geral. Aqui retomamos seu intento de “problematizar a produção de socialidades a partir da movimentação de pessoas por diferentes espaços” (RENNÓ, 2014).

Ao tratar das vivências de deslocamento entre campo e cidade e entre nações, Rennó descreve as implicações sobre a dinâmica familiar advindas dos pontos de pausa que particularizam os circuitos percorridos pelos parentes. As relações de família e de parentesco observadas em pequenas comunidades, assim como as situações nas quais a mudança para outro país é condição para a reprodução familiar, são marcadas pela forma como essas pessoas se movimentam, bem como se estabelecem. Partidas, chegadas, idas e vindas influenciam constantemente as relações entre aqueles que partem e aqueles que ficam. Cabe também considerar que, nessa experiência de deslocamento, quem vai e quem chega são condições estreitamente influenciadas pela experiência de quem fica, assim como esse trânsito, marca a vida de quem permanece. Grosso modo, todas essas condições especificam o modo como se vai, se vem e se fica. Tal percepção modula significativamente nosso entendimento do que é a migração ao embaralhar ideias consagradas sobre as mulheres que ficam e os homens que partem, pois questiona a fixidez territorial e de sentidos que determina papéis/lugares pouco adequados às experiências de mobilidade marcadas por deslocamentos e pontos de pausa articulados por modos tão diversos.

Já foi dito que a relação entre movimentos e durações, antes de afirmar a fixação ou a desagregação, geram novos modos de relação. Mas se essas circulações e deslocamentos criam novas possibilidades de encontros, não podemos desconsiderar os casos

em que a potência de instabilidade é atributo dos movimentos, assim como os momentos nos quais essa instabilidade deriva em ruptura, em fragmentação. Nesse sentido, é preciso atentar para a natureza dessa instabilidade, a forma como é qualificada nos universos descritos. Antes de ser um evento extraordinário ou acontecimento marginal, as potências desestabilizadoras e de ruptura participam dos modos de relação forjados nos deslocamentos diversos e não deixam de ser atualizadas pela maneira como os movimentos são vividos. Com efeito, nessa perspectiva, a possibilidade de divisão inerente às instabilidades guarda em si mesma outras possibilidades de relação, mas isso não significa subdimensionar o cuidado que se tem ao lidar com essa potência desestabilizadora, principalmente nos contextos de acentuação do deslocamento e das circulações. As formulações nativas nos remetem às potências desestabilizadoras ativadas nos deslocamentos intensivos e extensivos, ao nos falar sobre os modos de lidar com elas. Ainda que possam ser falíveis, os conhecimentos e habilidades são elementos de destaque na vivência de tantos movimentos. Tal aspecto se percebe na etnografia do contexto umbandista, no qual a circulação constante é descrita como condição de vida, embora ela mesma possa criar acontecimentos que ameacem essa condição. Os perigos dos deslocamentos são vários e alguns deles, cogitados nas práticas de feitiçaria, demandam conhecimentos e instrumentos necessários ao controle das forças suscitadas nas jornadas. Do mesmo modo, em outros trabalhos, movimentar-se não é algo que se faz sem precaução, pois mesmo os *rodados* descritos por Dumans (2014) reconhecem os excessos das *febres* e até mesmo dos movimentos menos intensos.

A jornada descrita por Goltara (2014), ao fazer com que o centro se desloque, tem tanto a eficácia de agregar coletivos diversos quanto o risco de ser contagiada e de propagar “correntes maléficas”, disruptivas. Na verdade, trata-se menos de um contágio do que da manifestação de forças que participam do

centro. Tais forças são inerentes ao centro, porém se manifestam apenas quando este encontra-se em trânsito. Tal aspecto chama a atenção para a dimensão transformadora do deslocamento – algo que pode ser definido também como aceleração que é criada a partir das dinâmicas de circulação que caracterizam o próprio transitar. O deslocamento cria certas dinâmicas de circulação e tais dinâmicas têm como uma de suas eficácias a aceleração e ou transformação de certas potências que constituem esses coletivos, mas que apenas se manifestam a partir do trânsito. O trânsito é veículo e acelerador: ele manifesta e faz manifestar.

A ideia de circulação afeta o vocabulário da jornada e multiplica uma série de termos que concernem a um saber fazer próprio desse movimento: condutores, zeladores, veículos da corrente. A própria jornada é entendida como veículo das relações internas de um centro. Um veículo que demanda condutores, ao manifestar a circulação constitutiva do coletivo, também requer habilidades necessárias para lidar com essa circulação. Da leitura, sabemos que essa habilidade se manifesta por um vocabulário de pontos para fazer a circulação da corrente. No que compete aos condutores e veículos das correntes espirituais, é preciso fazer com que ela flua constantemente, sob o risco de degradar caso não estejam em movimento. Afinal, não custa lembrar que as correntes espirituais (postas em curso nas jornadas) são um fluxo que cria as relações entre as casas de oração. “A roda precisa rodar”, diz Goltara (2012, p. 10), indicando que os diversos elos criados pelas correntes dependem mais de uma inflexão do que de uma pausa das forças e agências espirituais.

É interessante perceber como, em alguns trabalhos (principalmente de Dumans e Benites), essas atividades também estão circunscritas por recortes específicos, tal como sugere a noção de tempo: tempo do garimpo, o tempo das águas e o tempo das secas que regem o calendário da roça, assim como as sugestões implícitas às noções de cativo e liberdade que nos falam sobre momentos/situações em que se é livre ou escravo.

A associação do tempo a um outro termo cria uma expressão que delimita uma série de atividades e acontecimentos, refletindo uma tendência em caracterizar momentos da vida social que não se encontram exclusivamente nesses universos etnográficos. Sobre os povoados nordestinos onde realizou suas pesquisas, Moacir Palmeira (2002) argumenta que os tempos (*tempo da política, tempo das festas, tempo das águas*) indicam uma visão não orgânica da estrutura social: não se trata de uma vida dividida em âmbitos (política, religião, economia...), mas de uma vida em que há associação entre tempo e ação adequada. A noção de tempo, enquanto recorte da vida social, estabelece marcações que são significativas por concentrarem determinados acontecimentos e práticas “Trata-se de criar um tempo próprio para o desempenho de determinadas atividades consideradas importantes pela sociedade” (PALMEIRA, 2002, p. 173).

Se, num determinado momento, ponderamos que os movimentos mexem com espaços e temporalidades, pensando a partir dos argumentos de Palmeira (2002) queremos destacar uma última correlação significativa entre tempo e movimento a fim de problematizar outros aspectos do que chamamos tendência movente. A concentração de atividades que define um *tempo* indica esse recorte específico para os acontecimentos e pressupõe que, por estarem concentrados de determinada maneira, eles são vividos sob ritmos diversos. Do mesmo modo, essa circunscrição de eventos evoca atividades e acontecimentos que podem ser descritos como catalisadores, à medida que parecem atuar como um diapasão das forças e práticas que estão presentes no cotidiano. Pode-se dizer que quando vividas sob as marcações do “tempo”, essas experiências ganham outro ritmo e outras intensidades. Nesse sentido, nos deparamos com tempos que são sobretudo movimentos, pois assinalam momentos nos quais há uma mudança significativa no ritmo da vida. Por sua vez, a mudança de ritmo é também possibilidade de criação. A ideia de um tempo adequado à vivência mais intensa das coisas

remete a correlações específicas entre tempo e espaço: a criação de condições de vida extracotidianas impõe novos arranjos relacionais, remexendo com localidades e territórios e tantos outros pontos de referência significativos às experiências nativas. Enfim, das roças que se transformam nos *tempos das águas e das secas* passando pelas vidas que *gelaram* à medida que a cidade também “parou”, o que se nota são alterações de tempo-espaço criadas ao sabor da concentração ou distensão de atividades e acontecimentos propícios aos movimentos.

Nesse sentido, gostaríamos de retomar brevemente um ponto chave deste nosso esforço de sistematização das variedades e variáveis etnográficas do movimento, contrastadas pelo diálogo entre os estudos aqui apresentados. Notamos uma abordagem em certa medida compartilhada, uma coincidência que lança foco sobre um caminho de análise que julgamos algo original. Se por um lado há nestes estudos uma importante dimensão processual – como notamos, incluindo na análise as implicações da observação da vida na duração no tempo – há de se notar ainda uma variedade de temporalidades que se sucedem e se alternam – cotidianamente ou em uma sequência histórica – promovendo, nos mundos observados, uma intensidade variada.

Sobre essa questão, a circulação de narrativas observadas por Marques no contexto sertanejo é o melhor exemplo do que entendemos como variações de movimentos intensivos. Ao darem plasticidade à unidade familiar, traçando e retraçando os trajetos das relações genealógicas e de deslocamentos geográficos (entre vizinhanças), as narrativas escutadas por Marques condensam o tempo passado, o tempo transcorrido e o ato de fala, sempre presente. Se essa operação narrativa promove e altera estados de relações e configurações relacionais, ao dar a eles densidade etnográfica, Marques descreve aspectos sociológicos que são também estados de ânimo – sejam encontros, aproximações, aparentamentos, conversas ou conflitos entre narradores e narrados. Tais estados, noutros contextos etnográficos, ressurgem

em expressões nativas ligadas à ideia de movimento, como *animar*, *curtir*, *mexer*, *rodar*, *gelar* e daí por diante. Esses são movimentos de ordem intensiva, no sentido que utilizamos aqui, não têm relação necessária com espaços percorridos. Como notamos também, por outro lado, essa intensidade é variável e em geral corresponde a deslocamentos extensivos. Podemos dizer então que as intensidades deslocam-se, contagiam-se, transmitem-se entre pessoas, animais, coisas. Esse aspecto parece-nos presente, de forma mais ou menos problematizada, nos diversos trabalhos que analisamos, oferecendo, como vimos, importantes nuances e densidade etnográfica à descrição dos movimentos humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENITES, L. F. “*Mexendo*” com a “*roça*”: trabalho e movimento no sertão mineiro. Mimeo. 2014.
- BORGES, A. *Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.
- DUMANS GUEDES, A. *Andança, agitação, luta, autonomia, evolução*. Sentidos do Movimento e da Mobilidade. Mimeo. 2014.
- GARCIA JR. A. *Terra de Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GOLTARA, D. *Dinâmicas comunitárias e espirituais: a rede esotérico-umbandista entre comunidades negras rurais às margens do Rio Itapemirim*. Mimeo. 2014.
- GOLTARA, D. *Circulação de conhecimento no contexto umbandista do Sul do Espírito Santo*. Mimeo, 2012.
- HAGE, G. A not so multi-sited ethnography of a not so imagined community. *Anthropological Theory*, London, v. 5, n. 4, p. 463-475, Dez., 2005.
- INGOLD, T. *The perception of environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge, 2000.
- LEITE LOPES, J. S. Fábrica e vida operária. Considerações sobre uma forma de servidão burguesa. In: LEITE LOPES, J. S. et al.

Mudança Social no Nordeste. A reprodução da subordinação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARQUES, A. C. *Famílias em Movimento*. Mimeo. 2014.

MACHADO, I. R. *Movimentos e Parentesco*: quatro casos particulares, ou não. Mimeo. 2014.

PALMEIRA, M. *Política e tempo*: nota exploratória. In: PEIRANO, M. (org.). *O dito e o feito*: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

PALMEIRA, M.; WAGNER, A. W. B. *A invenção da migração. Projeto emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste* (Relatório de Pesquisa). Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ (mimeografado), 1977.

PEREIRA, L. *A circulação dos bichos*: criação, produção dos espaços e formas de sociabilidade em Urucuai, MG. Mimeo. 2014.

VELHO, O. O cativo da Besta Fera. In: VELHO, Otávio. *Mais realistas do que o rei*. Ocidentalismo, religião e modernidades alternativas. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

ANA CARNEIRO – Pós-Doutoranda, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.
<anacarcer@gmail.com>

GRAZIELE DAINESE – Pós-Doutoranda, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.
<grazidainese@hotmail.com>